VISÃO DO CORREIO

Vizinhos em crise

Entre países vizinhos, a convivência atravessa governos, e a diplomacia existe para fazer com que ela sobreviva às antipatias de ocasião. As relações entre Brasil e Argentina vivem, porém, um de seus piores momentos desde a redemocratização dos dois países. Segundo o jornal argentino *Clarín*, o governo brasileiro decidiu não convidar o presidente Javier Milei para a posse de 5 de janeiro e retirar de vez o embaixador Julio Bitelli de Buenos Aires, deixando a embaixada com um encarregado de negócios.

Segundo o jornal, a decisão foi comunicada depois de o chanceler argentino questionar o resultado das eleições brasileiras. É um gesto forte, que pede um olhar sobre como se chegou até aqui.

O desgaste tem origem conhecida. Em julho, na convenção que lançou a candidatura de Flávio Bolsonaro, Milei chamou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva de presidiário e xingou o ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes. Os insultos continuaram nos dias seguintes. Brasília chamou o embaixador para consultas e, em agosto, rebaixou a representação diplomática. Em outubro, o senador derrotado deixou o país apesar da proibição judicial, e a imprensa argentina apontou a Argentina como rota, o que o governo Milei negou. Milei não cumprimentou o presidente reeleito, ao contrário de outros líderes de direita da região. No último sábado, o chanceler Pablo Quirno disse na televisão que situações no processo eleitoral brasileiro colocaram o resultado em dúvida, sem apresentar provas, embora tenha reconhecido que só o Tribunal Superior Eleitoral valida a eleição.

A reação de Brasília é compreensível. Nenhum país aceita que um governo estrangeiro faça campanha em sua eleição, ofenda suas instituições e depois questione o resultado das urnas. Mas compreender a reação não basta. É preciso perguntar aonde ela leva.

A ligação entre Brasil e Argentina é umbilical, vem antes dos governos de turno e vai durar mais do que eles. A rivalidade que marcou boa parte do século 20 deu lugar, nos anos 1980, a uma aproximação histórica, que criou acordos comerciais inéditos e lançou as bases do Mercosul. Cadeias produtivas inteiras, a começar pela automotiva, foram construídas sobre essa integração, e a Argentina está entre os principais destinos das exportações brasileiras de bens industrializados. Como líder natural do bloco e com uma população quatro vezes e meia maior que a argentina, o Brasil tem mais a perder do que a ganhar com um Mercosul travado por desavenças entre seus dois maiores sócios, o que enfraquece também Uruguai e Paraguai.

Até agora, o governo argentino diz que o comércio bilateral não foi afetado, mas há preocupações com o desgaste. O jornal *Infobae* registrou, em agosto, a preocupação do empresariado argentino. Crises diplomáticas costumam transbordar para licenças, investimentos, negociações tarifárias e cooperação em segurança de fronteira.

Por isso, a firmeza demonstrada agora precisa ter limite de tempo para que a ruptura não se torne permanente. A política externa é assunto de Estado e precisa se sustentar acima de afinidades e antipatias pessoais. Presidentes passam, e a Argentina vai às urnas em 2027. A vizinhança não muda, mas cabe a Buenos Aires o primeiro gesto: reconhecer sem ambiguidade a vontade do eleitor brasileiro e parar com as ofensas. Cabe a Brasília, por seu peso e por sua tradição diplomática, deixar a porta aberta e usar cada fórum regional, como a Cúpula do Mercosul, para reconstruir pontes.

Os dois países já superaram desconfianças muito mais profundas do que uma briga de palanque, com diálogo, paciência e visão de longo prazo. É esse caminho que precisa ser retomado, para que a parceria construída ao longo de décadas volte a prevalecer sobre o barulho do momento.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

O grito pela Faixa de Gaza

Uma tragédia humanitária descomunal, o inferno na Terra e uma prisão a céu aberto. Quando penso na Faixa de Gaza, me vêm à mente esses termos. O território palestino virou cemitério. De gente, de sonhos, de esperança. Mas, também, pilha de destroços. Estive na fronteira dias atrás. Com binóculos, vi uma imagem impossível de esquecer: praticamente apenas escombros. A inação da comunidade internacional é imperdoável. Os planos de reconstrução de Gaza parecem ter ficado relegados à hipocrisia e à demagogia típicas dos políticos. Em setembro de 2025, o presidente americano, Donald Trump, anunciou um plano de paz de 20 pontos, que muito pouco avançou. Por enquanto, a retirada das forças israelenses, o desarmamento de facções palestinas — como o Hamas e a Jihad Islâmica — e a transição da governança não saíram do papel.

É inadmissível pensar que grande parte do mundo não se comove com o sofrimento de cerca de 2,1 milhões de palestinos que vivem em condições degradantes, muitos deles sob tendas espalhadas pela costa do Mediterrâneo, em meio a ratos. É irracional imaginar que não se questione nem se cobre justiça pelas 73 mil vidas ceifadas em uma campanha de bombardeios massivos de Israel que mais beira a vingança cega do que uma operação militar estratégica.

Gaza carrega várias tragédias dentro das outras. No domingo, recebi uma mensagem de uma de minhas fontes no território palestino. O jornalista Motassem Dalloul pedia ajuda em prol de uma garotinha atropelada por um caminhão. Ela tinha enfrentado 60 cirurgias para tentar contornar o esmagamento abdominal. Na segunda-feira, Motassem avisou-me do falecimento da menina. Disse-me que o colapso do sistema de saúde de Gaza e a destruição de vários hospitais reduziram as chances de sobrevivência da criança.

Não bastassem os bombardeios, que ainda semeiam mortes de forma aleatória no enclave, a fome, as doenças, a chuva e o frio tornam o quadro todo ainda mais dantesco. A organização não governamental britânica Oxfam advertiu que Israel transformou a Faixa de Gaza em uma espécie de "deserto tóxico". Os bombardeios provocaram grave contaminação ambiental em 99% do território, cujos efeitos devem perdurar por gerações.

Fechar os olhos para a população de Gaza é ser cúmplice de uma política que beira o apartheid, depois do que muitos classificam como "genocídio". Defender os palestinos que ali vivem não significa demonstrar complacência com o Hamas, responsável pelas atrocidades do 7 de outubro de 2023. Defender os palestinos é uma questão de humanidade, de civilidade, de apreço pela vida.

É preciso que líderes humanistas e a sociedade civil se levantem pela população da Faixa de Gaza. Que um grito forte ecoe pela reconstrução do território ocupado palestino e pela desmilitarização. É preciso, também, desarmar o Hamas e outras facções. E devolver dignidade a um povo massacrado há décadas, que não pode arcar com o custo da guerra.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail:** *sredat.df@dabr.com.br.* O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Bolsonaro na UTI

Temos observado, desde a desoladora ocorrência, em Juiz de Fora, o quanto Jair Bolsonaro tem sofrido com as intervenções cirúrgicas, somados os graves efeitos psicológicos e as consequências sofridas pela família! Recentemente, Bolsonaro voltou à UTI. E haja especulações por acolá e por ali! Conheço pessoas católicas que desejam o mal e a morte para o próximo. Será que a ideologia embrulha satânica fantasia? É uma carga de ódio sem precedentes; bom que esqueçam o ódio e busquem caminhar rumo ao pódio. Sou católico desde que fui batizado, e nunca nossa Igreja me ensinou a desejar ao próximo o pior abismo. Que Deus ilumine a saúde do capitão.

» **Antônio Carlos Sampaio Machado**
Águas Claras

Brasília abandonada

A governadora Celina Leão, eleita com expressiva votação, terá que trabalhar sem tréguas, porque Brasília precisa de muita atenção para serem solucionados os graves problemas. A gastança pública é colossal. As ruas vivem cheias de pessoas em situação de rua e crianças com fome. A população exige, e precisa, de transporte urbano de qualidade, de bom atendimento nos hospitais e de prontos-socorros. Também de ruas limpas, de iluminação pública decente, segurança nos bairros e nas ruas. Jovens são assassinados por causa de celular. O policiamento é ruim. Crescem os covardes feminicídios (...) As pessoas se revoltam com a falta de médicos. O matagal tornou-se paraíso para ratos e marginais. O trânsito é dominado por irresponsáveis e assassinos. Acabou o sossego da população. Nas ruas, avenidas, calçadas e quadras têm mais buracos do que asfalto. É oceânico o desapontamento e a indignação dos brasilienses.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Emprego não é favor

A ideia de que o empregador faz uma "caridade" ao gerar vagas de trabalho é uma das maiores inversões da realidade econômica. Na prática, nenhum empresário contrata por altruísmo: ele investe no trabalho humano porque essa é a única engrenagem capaz de transformar matéria-prima e ideias em lucro real. Essa relação não é baseada em benevolência, mas em troca. O trabalhador vende as horas mais produtivas do seu dia, seu conhecimento, seu esforço físico ou intelectual. Em contrapartida, recebe um salário que, por definição, é menor do que a riqueza total que ele ajudou a construir. Por isso, emprego não é favor, salário não é esmola e férias ou décimo terceiro não são presentes. Exigir respeito e valorização não é ingratidão; é ter consciência do próprio valor dentro do sistema produtivo.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Embaré (SP)

Contas públicas

Comenta-se que a situação da economia do país está catastrófica e prevê-se a ingovernabilidade, por descalabro nas contas públicas para julho de 2027 ou, no máximo, para 2028. Deve ser conversa de catastrofistas porque Lula já prometeu criar o Ministério da Segurança Pública, o Ministério da Pessoa Idosa e a Guarda Nacional. Acrescentando as promessas feitas na campanha, conclui-se que os cofres devem estar abarrotados.

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

PMs do 15° BPM salvam criança engasgada. Os super-heróis da vida real. Parabéns!

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Enquanto a violência contra a mulher todo dia povoa o noticiário, há quem ainda diga que o feminicídio é uma questão semântica, coisa de esquerdista. É inacreditável que tenha gente que pensa assim, vocifera barbaridades e ainda recebe os aplausos de tantas outras gentes. Onde foi que a humanidade começou a não dar certo? Talvez seja o fim de qualquer esperança sobre essa mesma "humanidade". Tempos bárbaros.

Marcelo Andrade — Sudoeste

Bolsa de valores: Jensen Huang é reconduzido ao cargo de CEO da Nvidia, independente das suas ações...

Vital Ramos de Vasconcelos Júnior — Jardim Botânico

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

Em *O pacote fiscal e o velho atalho do aumento de impostos*, José Velloso, presidente executivo da Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos), escreve sobre os efeitos de se cortar incentivos sem reduzir a carga tributária. Confira no site do **Correio**.

CORREIO ENTREVISTA

A jornalista e escritora Miriam Leitão falou, em entrevista no estúdio do **Correio**, sobre seu novo livro, *A dança de Elisa*, os ataques à mulheres e a importância de resistir às ameaças à liberdade e à democracia.

Entrevista Miriam Leitão

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*